

PINGO DE LÁZAR



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 34

BOLETIM INFORMATIVO

DEZEMBRO 1995



COMEMORAÇÕES

32º

DO

ANIVERSÁRIO

IN MEMORIAM

SUMÁRIO:

EFEMÉRIDE - (32º aniversário enlutado) - COMEMORAÇÕES - VULCÃO DO MONTE PELÉ - RELEVO DOS AÇORES (Maquetas) - ACTIVIDADES PARA 1996 - PROGRAMAS NACIONAIS DE AMBIENTE - FRAGMENTOS - ENTRE PICOS E VALES-96 - LEGISLAÇÃO AMBIENTAL - TRILHOS D'ILHA-95 (Hibernação) - DOCUMENTOS VIVOS (Guias das Alturas Brancas) - BALANÇO DAS CAMINHADAS - CONHECER MELHOR - RETROSPECTIVA (ACTIVIDADES 95) - LER AÇORES - NO REINO DAS AVES - GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (Gruta da Ribeira do Fundo - Ilha do Pico) - RECORTES DE ALBUM - GALERIA DE HONRA - ÚLTIMO PINGO

32º aniversário enlutado

H.M. Fernandes

Os Montanheiros

Há 32 anos um grupo de jovens entusiastas, desejosos de desvendar os mistérios encerrados pela natureza no subsolo terceirense, fundou a Sociedade de Exploração Espeleológica OS MONTANHEIROS, hoje já com um historial muito digno de nota, especialmente nos vastíssimos campos científico, cultural e re-creativo. E tanto assim é que mereceu, em 19 de Junho de 1994, o título de MEMBRO HONORÁRIO DA ORDEM DE MÉRITO que lhe foi conferido por sua excelência o Presidente da República, título que por si só dispensa mais encómios.

Desse grupo fazia parte Manuel Aguiar Silva, espírito jovial, alegre, comunicativo, simpático, amigo do seu amigo, amante da aventura espeleológica, profundo apreciador da natureza e defensor acérrimo de tudo o que é belo e susceptível de criar à nossa volta agradáveis ambientes naturais. Assim se compreende a sua profícua acção em prol de OS MONTANHEIROS, a cujos destinos presidiu, a partir de 1975, até à ida para a Eternidade, onde se verificou a 28 de Agosto p.p., com grande mágoa e saudade da sua tão amada Esposa - a Marcelina - que, com uma coragem e abnegação que só um espírito forte e fervoroso pode possuir, o acompanhou, sem mostrar desânimo mas ciente do desfecho que se aproximava, na sua dolorosa caminhada, e tudo de modo a que o seu Querido Enfermo mantivesse, até ao fim, a esperança da cura, pelo muito que ele amava a vida. Sublime abnegação de uma MULHER!

Enfim, o Aguiar deixou também mergulhados em profunda dor e saudade seus pais e irmãos, não sem que a saída da vida terrena deixasse de consternar também, profunda e igualmente, todos os que com ele conviveram de perto, nomeadamente os que o acompanharam nas actividades espeleológicas de OS MONTANHEIROS que a ele ficaram a dever os seus momentos mais gloriosos e que tantos são.

Porque teve sempre no seu pensamento, mesmo nos momentos mais dolorosos e finais, a sua adorada Sociedade de Exploração Espeleológica é justo lembrar que os restantes elementos da Direcção desta, abalados e desmoralizados como estavam com o triste desfecho de um vida de que tanto havia ainda a esperar, só resolveram abalançar-se à comemoração do nascimento já distante da mesma porque a sua corajosa viúva assim o quis, por entender - e, quanto a nós, muito bem - ser este o modo mais adequado de homenagear a memória de quem foi a alma de OS MONTANHEIROS, "micalense por nascimento, terceirense por adopção, açoreano pelo coração, autonomista convicto e amante da natureza". É, porém, necessário ainda não esquecer que "o

Aguiar, como era conhecido, foi cidadão exemplar que deixou, para sempre, o seu nome ligado à actividade espeleológica, ao seu desenvolvimento e aprofundamento", pois foi à custa desta sua maneira de ser que os briosos espeleólogos terceirenses puseram à vista de todos as maravilhosas belezas e grandiosidades por muitos séculos ocultas no seio de todas as ilhas que constituem o arquipélago dos Açores.

E se tudo isto não bastasse para definir bem a acção do Aguiar em prol de OS MONTANHEIROS, da Terceira e dos Açores, que hoje comemoram 32 anos de existência, bastaria lembrar que até a Assembleia Legislativa Regional dos Açores (ALRA) prestou homenagem à sua memória, o que é muito e muito significativo.

Porque o nome do "pai da natureza terceirense" jamais desaparecerá da memória dos que, ao longo de três décadas, acompanharam a sua heróica e, por vezes, altamente sacrificada e arriscada actividade em defesa, através de OS MONTANHEIROS, do património natural terceirense e açoreano, vamos todos tomar parte na festa comemorativa do nascimento daquela tão prestimosa colectividade, homenageando assim a memória do seu tão devotado presidente que foi o Aguiar e cujo busto - que não ficaria mal em qualquer lugar público como, por exemplo, na zona verde situada ao cimo da Ladeira de S. Francisco, onde já se encontra uma placa, modesta mas significativa, ali oportunamente assente pelo grupo de que vimos falando em sentida homenagem às vítimas do terramoto de 1/1/80 - vai ser inaugurado na sede daquela Sociedade que se pode considerar de *Utilidade Pública* e constituída por dedicados e desinteressados "carolas".

E porque a vida não pára aqui fica um apelo a todos os jovens no sentido da continuação, cada vez mais dedicada, das actividades de OS MONTANHEIROS, pois o progresso destes é - e será sempre - uma permanente homenagem ao HOMEM que, desde a primeira hora e sem monosprezar a valiosa cooperação de outros dedicados companheiros, alguns dos quais o precederam já na sua *última viagem*, elevar bem alto, transpondo as naturais fronteiras dos Açores e de Portugal, o nome da tão prestante Sociedade de Exploração Espeleológica OS MONTANHEIROS.

Igualmente apelamos a todos os açoreanos - e em especial aos terceirenses - que acarinhem, sempre e cada vez mais, aquela tão útil Sociedade pois quanto maiores forem os auxílios à mesma dispensados, maiores e mais valiosos serão os frutos que nos poderá oferecer ao longo dos anos, a bem da Terceira, dos Açores e de Portugal.

Avante MONTANHEIROS... que ainda há muito caminho a percorrer e muitas belezas a desvendar.

COMEMORAÇÕES DO 32º ANIVERSÁRIO

"Os Montanheiros" completaram no dia 1 de Dezembro 32 anos de vida.

Ao longo dos anos têm trabalhado afincadamente para a inventariação do subsolo açoriano e também na defesa dos elementos naturais, alargando a sua área de acção a tudo o que esteja na dependência desta colectividade, projectando o nome de "Os Montanheiros" além fronteiras, dignificando a Ilha Terceira e os Açores.

O nosso 32º ano de vida, foi um ano particularmente de tristeza para todos nós, marcado pelo desaparecimento daquele que durante 31 anos se dedicou de alma e coração a esta colectividade. O nosso saudoso e grande AMIGO, MANUEL DE AGUIAR SILVA.

As comemorações do aniversário tiveram início no dia 1 de Dezembro com a tradicional alvorada, às 8 horas, abrilhantada pelas Filármonicas da Recreio dos Artistas e da Fanfarra Operária, seguindo-se um ligeiro beberete aos elementos daquelas instituições em forma de agradecimento pela disponibilidade que sempre dispensaram neste dia festivo da nossa colectividade.

Pelas 11,30 horas, foi celebrada uma missa na Igreja do Colégio, por alma de todos os sócios falecidos, e à noite, teve lugar a habitual sessão solene.

A afluência dos sócios e convidados foi grande, e, os momentos de espera foram aproveitados pelos presentes para examinarem as amostras vulcanoespeleológicas e as maquetas expostas na nossa sala-museu "Machado Fagundes", foram distribuídos prospectos para uma melhor orientação dos convidados que nos deram largos elogios pelo valioso espólio ali exposto.

A sessão solene teve início às 22,45 horas e foi Presidida por Sua Excelência o Ministro da República para os Açores Dr. Mário Pinto, integrou ainda a mesa de honra o Senhor Dr. Jorge Valadão dos Santos, em representação de Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa Regional, o Senhor Eng. João Madruga em representação da Secretaria Regional da Educação e Cultura, o Senhor Dr. Luis Nogueira em representação da Secretaria Regional da Saúde e Segurança Social, o Senhor Eng. João Manuel Bettencourt da Silva em representação da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, e o Presidente da Assembleia de "Os Montanheiros", Senhor José Duarte, para além de outras entidades presentes.

Abriu a sessão o Presidente da Direcção desta colectividade Senhor Jorge Orlando Ferreira Silva, (único sócio fundador, ainda em actividade), começou por lembrar a todos os presentes que a morte de Manuel de Aguiar Silva, foi uma perda irreparável para a Associação, referindo que "todos aqueles que lidaram com ele durante muitos anos na colectividade, jamais se vão esquecer do seu dinamismo impressionante que muito contribuiu para o desenvolvimento que "Os Montanheiros" vem obtendo ano após ano", e acrescentou: "o Aguiar para nós está sempre presente, e, para que a sua presença perdure nesta colectividade a Direcção tomou a iniciativa de edificar um busto em grês vulcânico, da autoria de GERMANO SIMAS, em memória a Manuel de Aguiar Silva."

O Busto foi descerrado por Sua Excelência o Ministro da República e pela Senhora D. Marcelina Alves, tendo sido prestada homenagem por todos os presentes, com uma salva de palmas.

Feita a cerimónia de homenagem, o Presidente Jorge Silva, historiou um pouco a vida da colectividade referindo-se aos seguintes pontos:



“ Há mais de três décadas, que a Sociedade de Exploração Espeleológica “Os Montanheiros” foi constituída, com a individualidade própria, determinada por seus estatutos, estabelecendo uma estreita ligação com a Natureza, primeiramente, de uma forma essencialmente explorativa (como o desvendar dos “mistérios” que as grutas e algares constituíam para a sociedade de então e que afinal nada tinham de misterioso). Depois procurando colaborar em missões de carácter científico e alargando a sua área de acção a tantas outras matérias relacionadas com o ambiente que nos rodeia.

Foram tempos difíceis, cada qual cuidava do seu património e no que toca a esta Sociedade, não só o Algar do Carvão, mas também tudo o que estava na nossa dependência, foi sempre objecto do maior interesse e cuidados na respectiva preservação.

No que diz respeito ao Algar do Carvão (o menino dos olhos bonitos desta colectividade), tudo foi feito, com desvelo e carinho. Mas, para que fosse um cartaz turístico da ilha Terceira e da Região, foi necessário uma rígida tarefa, levada a cabo por essa geração de rapazes (da qual eu me orgulho de fazer parte), que nos anos 60, com sua força braçal e amor à causa “rasgaram” o túnel que actualmente permite um fácil acesso ao Algar. Foi também, construída toda a escadaria que penetra bem fundo na cavidade, o que não foi tarefa fácil de executar, se tivermos em atenção os recursos técnicos e materiais de então. Estava-se na década de 60. Nesse tempo, não era fácil obter apoios. Não fosse a “carolice” daqueles rapazes que se dedicaram de alma e coração a tão árdua tarefa, contagiando o seu amor à camisola, aos outros elementos que foram compondo as sucessivas direcções desta colectividade, e certamente que aquela jóia rara do vulcanismo açoreano, não seria ainda conhecido além fronteiras, nem seria (diga-se com justiça) namorado pela UNESCO, como o foi recentemente e que muito nos honrou. ”

“ Há mais de três décadas, que a Sociedade de Exploração Espeleológica “Os Montanheiros” foi constituída, com a individualidade própria, determinada por seus estatutos, estabelecendo uma estreita ligação com a Natureza, primeiramente, de uma forma essencialmente explorativa (como o desvendar dos “mistérios” que as grutas e algares constituíam para a sociedade de então e que afinal nada tinham de misterioso). Depois procurando colaborar em missões de carácter científico e alargando a sua área de acção a tantas outras matérias relacionadas com o ambiente que nos rodeia.

Foram tempos difíceis, cada qual cuidava do seu património e no que toca a esta Sociedade, não só o Algar do Carvão, mas também tudo o que estava na nossa dependência, foi sempre objecto do maior interesse e cuidados na respectiva preservação.

No que diz respeito ao Algar do Carvão (o menino dos olhos bonitos desta colectividade), tudo foi feito, com desvelo e carinho. Mas, para que fosse um cartaz turístico da ilha Terceira e da Região, foi necessário uma rígida tarefa, levada a cabo por essa geração de rapazes (da qual eu me orgulho de fazer parte), que nos anos 60, com sua força braçal e amor à causa “rasgaram” o túnel que actualmente permite um fácil acesso ao Algar. Foi também, construída toda a escadaria que penetra bem fundo na cavidade, o que não foi tarefa fácil de executar, se tivermos em atenção os recursos técnicos e materiais de então. Estava-se na década de 60. Nesse tempo, não era fácil obter apoios. Não fosse a “carolice” daqueles rapazes que se dedicaram de alma e coração a tão árdua tarefa, contagiando o seu amor à camisola, aos outros elementos que foram compondo as sucessivas direcções desta colectividade, e certamente que aquela jóia rara do vulcanismo açoreano, não seria ainda conhecido além fronteiras, nem seria (diga-se com justiça) namorado pela UNESCO, como o foi recentemente e que muito nos honrou.”

“Quero aqui lembrar, que o domínio em que se move esta Sociedade, respeita sobretudo à vulcano-espeleologia e, nesta área, estamos em condições de testemunhar que, nos Açores, e muito especialmente na Ilha do Pico existem dezenas de grutas e algares que muito benéfico seria se fossem bens a preservar, já que têm valor suficiente para tal.

Finalmente, quero aqui mencionar, com todo o reconhecimento, uma palavra de apreço e agradecimento, a todos os que têm colaborado mais de perto com “Os Montanheiros”, e, muito em especial, àqueles rapazes que nos princípios dos anos 60, fundaram esta Associação (alguns deles estão aqui presentes), e a outros que a eles se juntaram, cito alguns: Manuel de Aguiar Silva, José Machado Fagundes, João Manuel Silva, e tantos outros que, sempre por amor à causa, prestaram relevantes serviços em prol desta colectividade da ilha Terceira e dos Açores.”

O Presidente Jorge Silva, terminou procedendo à apresentação do orador da sessão, o Senhor Eng. Joaquim Rocha, que gentilmente aceitou o convite na tarde do dia 1 de Dezembro, em virtude do orador convidado apasadamente o Senhor Doutor Prof. Álamo Meneses, não poder estar presente por motivos de doença.

O palestrante subordinou de improviso o tema: CONSERVAÇÃO DA NATUREZA NO LIMIAR DO SÉCULO XXI, que desenvolveu durante cerca de trinta e cinco minutos, exemplificando com um projector de acetatos alusivos à matéria em questão.



O Presidente Jorge Silva proferindo algumas palavras na abertura da sessão

Exm^o. Sr. Presidente de "Os Montanheiros", restantes membros da colectividade aqui presentes, Sr. Ministro da República, Srs. Convidados, minhas Senhoras e meus Senhores, Boa noite!

Em primeiro lugar, gostava de dar uma palavra de gratidão e apreço ao trabalho de "Os Montanheiros" na preservação da Natureza nos Açores, e, muito especial, ao Sr. Aguiar da Silva cujo espírito de sacrifício e amor à causa fez com que fosse possível apreciarmos muitas das coisas, de que é exemplo o Algar do Carvão, hoje considerado Reserva Geológica, e que, se não fosse o esforço dele e dos outros membros da colectividade, se calhar nem o podíamos ver.

Vou tentar dizer alguma coisa sobre o tema que tinha sido proposto: "A Conservação da Natureza no Limiar do Séc. XXI", já que todos comungamos o mesmo espírito de respeito e conservação pela Natureza. Se nós quisermos analisar mais ou menos o problema, ou seja neste caso o título, talvez seja interessante perguntar Porquê?, Como? e Para quê?.

O *Porquê* é muito fácil, porque ao conservar entendemos que tem algum valor e, portanto, se tem algum valor, vem-nos logo à ideia a noção de Património.

Como? Não destruir e se possível reparar alguns dos danos que já ocorreram, devido à nossa actividade, ou eventualmente à actividade da própria Natureza, como sejam as catástrofes naturais.

E *Para quê?* Se tem um valor, logo é património, logo vale dinheiro. Não preservando vamos ficar mais pobres.

Neste curto espaço de tempo que tenho, vou tentar mostrar-vos, como é que aparece esta ideia "No Limiar do Séc. XXI". Em princípio essa ideia já tinha ocorrido anteriormente, as pessoas já tinham pensado em conservar, foi portanto uma ideia que foi evoluindo ao longo dos tempos.

Nesta evolução histórica, digamos assim, do conceito de conservação e da importância que isso têm, nós poderíamos falar talvez como exemplo, já que as pessoas conhecem muito bem, das gravuras da Fôz do Lôa. Se alguém se lembrou de pintar aquilo é porque provavelmente, ou achou que a cena era bonita, ou achou que havia algum valor em representar aquela cena, ou pensou fazer qualquer coisa para perdurar uma determinada cena por qualquer motivo interessante, uma caçada eventualmente. O que não pensou, de certeza, é que isso ia trazer problemas ao Homem do Séc. XX, pela simples razão deste precisar de barragens e energia eléctrica. Não foi portanto para nos dar problemas que eles tentaram conservar daquela maneira uma imagem, que lhes queria dizer qualquer coisa. Provavelmente havia uma ideia de preservar, uma ideia de guardar para mais tarde.

Saltando uns quantos mil anos na história, chegamos aos Açores.

Possivelmente a maior parte de vocês, que conhecem a história dos Açores muito melhor do que eu, já leram que um certo fidalgo chegando pela primeira vez a São Jorge mandou fazer umas covas em vários sítios. Tirava-se a terra para fazer o buraco e era posta lá outra vez, mais ou menos calcada. Se enchesse outra vez o buraco e sobrasse alguma terra, concluía-se na época ou acreditava-se que a terra era fértil, ou seja como o Frutuoso diz

"que aquele sítio era frutífero". Pelo contrário se havia um bocadinho do buraco por preencher, acreditava-se que o sítio era mau e infrutífero. Por causa disso fundou-se a primeira povoação em São Jorge, chamada Vila do Topo. Depois logo a seguir vem descrito que "...o sítio era frutífero...", "...das sementeyras que fez naquella sítio houve anno em que deo 68 moyos de trigo, ao dizimo...", e agora reparem o que acontece a seguir, "...porém como lavradas e cavadas aquellas terras viessem da alta serra ou espinhaço da Ilha sobre as terras as muytas ribeyras, levassem a terra solta ao mar, (a gente têm-se fartado de atirar terra ao mar nos dias de hoje), em poucos annos se tornou estéril aquelle sítio de terra, & mais para cabras, do que para as sementeyras; & o Guilherme da Silveira, (primeiro povoador), deixou aquella Ilha de São Jorge ...". Portanto vocês estão a ver que logo nos primeiros 3, 4 anos, do povoamento de São Jorge, houve uma preocupação com a preservação pela simples razão de que não preservando, porque se cuidou mal da terra, ficaram mais pobres. A terra deixou de produzir.

O pensamento de preservação vêm muito de trás. Isto é uma maneira de fazer lembrar que os movimentos ambientalistas apareceram no Séc. XVIII como movimentos novos nessa época.

No Séc. XIX houve um "boom" dos movimentos de conservação e começou talvez nos Estados Unidos com o grande Parque "Yellowstone", porque chegou-se à conclusão rapidamente, que no início da caça desenfreada aos bisontes tinha-se um bem e um recurso que parecia inesgotável, que podiam matá-los e usar as suas peles *ad libitum*, mas passados 10 anos viram que afinal esse recurso que parecia ilimitado era extremamente raro. Resolveram então fazer um parque enorme para tentar preservar os bisontes e outras espécies. Por essa época surgiram também, na Europa e um pouco por todo o lado, outros tipos de colecções, como sejam os jardins zoológicos e jardins botânicos, para reunir espécies que em principio estariam mais ou menos ameaçadas e logo seria uma forma de as preservar, ou pensava-se que assim seria.

Um pouco mais tarde, logo no pós guerra, surgiram outros grandes parques: o "KRUGER" na África do Sul, o "GORONGOZA" em Moçambique. Havia uma procura enorme de caça grossa e portanto tentaram-se obter as duas coisas no mesmo sítio, ou seja um grande parque de algumas centenas de Km², que permitia ter os bichos, e a alguns privilegiados, poder ir caçá-los. Houve um evoluir desse pensamento.

Mais ou menos pelos anos 70 começou-se a pensar que afinal os bichos nos Jardim Zoológicos estavam mal, não se conseguiam reproduzir muito bem, e afinal era interessante deixá-los no sítio onde nasceram, nos chamados *habitats*, ou seja na casa que eles tinham na natureza.

Então a evolução passou a ser mais a preservação da espécie no seu habitat, ou seja a preservação do ecossistema, do local onde esses tipos de seres vivos vivem em comum.

Isso deu origem à criação de uma série de reservas, reservas que se foram multiplicando por vários sítios.

No continente começou pelo Parque da Peneda-Gerês, em 67. Nos Açores praticamente na altura da Autonomia, mas ainda antes criou-se a Reserva da Caldeira do Faial, da Montanha do Pico e da Lagoa do Fogo. Nos Açores de 81 a 84 criaram-se 21 reservas quase de todo o tipo e, se me permitem o talho de foice, *quase só no papel*.

O que é que se pensa hoje, para onde é que isto evolui?

Evoluiu no sentido que preservar a espécie era pouco, era preciso preservar também o seu ambiente. Hoje pensa-se que preservar a reserva também é pouco, temos que preservar mais para além disso.

É claro que no local das reservas não se pode preservar mais, mas é preciso preservar tudo o que seja possível, esteja onde estiver, ou seja, deve-se preservar uma árvore que está na Praça Velha se ela tiver algum interesse ou outra coisa qualquer, mesmo que esteja desenquadrada, tentar conservar e preservar tudo o que interesse como património.

E há duas formas de o fazer. No próprio lugar onde as coisas se encontram, que é a melhor maneira, embora nem sempre possível. Há no entanto coisas que são mais importantes, pelo menos do ponto de vista do homem, do que preservar um habitat. Por exemplo preservar o habitat das gaivotas ou fazer o porto da Praia da Vitória. Pode ser que as pessoas que vivem aqui não possam dispensar, eventualmente, o porto. Para tentar conciliar tudo há que fazer um adequado ordenamento do território.

Por ordenamento do território nós podemos entender a integração da actividade humana, porque quem destrói mais é o Homem, com a Natureza, ou seja usar de uma maneira integrada tendo em conta os pontos de vista dos outros seres vivos, o que não é nada fácil. É claro que preservar totalmente é impossível. É preciso ver de uma forma integrada e racional os recursos que temos à disposição, sejam eles quais forem, e usar esses recursos claro, mas usar o mínimo possível.

É verdade que uma coisa que não podemos fazer é deixar de ocupar espaço e ter uma determinada massa. Se vivemos neste planeta temos que ter um espaço mas devemos preocupar-nos em deixar algum para os outros, e portanto o ordenamento do território passaria por usar o mínimo de espaço com o máximo de respeito para com o espaço dos outros.

Outra forma de conservação, é o chamado *ex-situ*, ou seja ir buscar as coisas onde elas estão, muitas vezes seres vivos, e arranjar um local onde se possam manter mais ou menos, ou às vezes ainda melhor do que estariam no seu habitat natural de hoje, muitas vezes completamente degradado. Nós temos alguns locais para pôr espécies raras selvagens e talvez aí a reserva seja a melhor maneira. Continua a ser uma conservação *ex-situ* mas de certa maneira programada e protegida pelo Homem que só por isso já interfere. Depois há outras porções da Natureza que merecem também a conservação, pode ser uma rocha interessante, pode ser um bocado de relevo, a Montanha do Pico, ou uma peça pequenina que nós consideremos de "museu". Estão alguns a pensar se as gravuras têm de ir para um museu enquanto outros acham que não, mas tem que se fazer o ordenamento do território, porque elas



Um aspecto da assistência na sessão solene.



**O orador da sessão,
Eng. Joaquim Rocha**



Sua Excelência o Ministro da República, no uso da palavra.

O Senhor Ministro entregando o diploma ao Senhor Manuel Alves, um dos sócios fundadores e o primeiro homem que desceu a Lagoa do Algar do Carvão. ▴



têm que ser consideradas, em primeiro lugar, *in-situ*. Cá está, o que é que vale mais, a conservação *in-situ* ou *ex-situ*.

Uma outra coisa de que lhes vou falar é da biodiversidade domesticada, ou seja a variabilidade genética provocada pelo homem. Da diversidade que existe devido à acção do homem, que nem sempre é má, também faz criar coisas boas e a prova está: nas paisagens que criou, nos monumentos, no património construído.

Mesmo na parte do património, digamos vivo, também há coisas interessantes, portanto na biodiversidade domesticada nós poderíamos incluir alguns exemplos que também serão caros cá aos Açores, como por exemplo não deixar que acabe, se é que ainda vai a tempo, a raça do Ramo Grande ou não deixar que acabe aquelas galinhas todas bonitas que existiam nos currais antigos. Quem é que lhe há-de deitar a mão? Acho que seria interessante pensar nisso. Sobre isto muito mais há a dizer mas como tenho receio de estar a ser maçador, acabo por aqui.

Muito obrigado.

Terminada a palestra, o orador colocou-se à disposição da assistência para o esclarecimento de qualquer dúvida.

Não havendo intervenções por parte da plateia, o Presidente Jorge Silva, procedeu à cerimónia de entrega de Diplomas a sócios honorários. Foram homenageados alguns fundadores da Associação e também aqueles que ao longo do anos deram o seu contributo à colectividade prestando relevantes serviços a bem da Ilha Terceira e dos Açores.

Foi prestada homenagem aos seguintes sócios:

Américo de Lemos Silveira Luis, Armando Lemos Silveira, António Deodato Ferreira, Angelo Lemos Silveira, Fernando Coderniz Fagundes, Diamantino Campos Paz, Fernando Henrique da Costa Ávila, Guilherme Albano Ávila, Guilherme Olídio Ferreira Brasil, Luis Lester Fagundes Andrade, Leonilde Paulo Soares Martins, Luis Carlos Serpa Gouveia, Manuel Alves, Paulo José Borges de Lima, Rogério Tiago da Silva, Ulisses Simas Bettencourt e João Carlos Borges Cota.

Foram também atribuídos diplomas a título póstumo a:

Luis Rafael Avila Azevedo, José Machado Fagundes, João Manuel Mendonça Pereira Silva e Manuel de Aguiar Silva.

Os homenageados foram muito aplaudidos pela assistência no acto de entrega de diplomas.

Encerrou a sessão Sua Excelência o Ministro da República, proferindo elogios para "Os Montanheiros" e desejando as felicidades pela passagem do 32º ano de vida da colectividade, enaltecendo o trabalho que o nosso grupo tem prestado à Comunidade, disponibilizando-se sempre para colaborar no que for necessário.

Mencionou também o valioso espólio exposto na nossa sala museu que ao longo dos anos vem reunindo um vasto número de exemplares de origem vulcânica recolhidos em muitas grutas e algares da região à mais de três décadas.

Salientou ainda, o esforço dos elementos que tem vindo a constituir os Corpos Gerentes de "Os Montanheiros", pelos relevantes trabalhos que tem desenvolvido a bem da Ilha Terceira e dos Açores.

Seguiu-se um beberete oferecido a todos os presentes, tendo-se chegado ao fim do primeiro dia festivo.

RETROSPECTIVA - Actividades "95"

Trilhos da Ilha - 95

Foram sete caminhadas pelo sertão terceirense, que “Os Montanheiros” têm vindo a organizar há alguns anos, dos quais falamos mais pormenorizadamente noutra página deste boletim.

Missão SpeleoLages - 95

Operação que decorreu nos dias 6 a 13, na ilha do Pico.

Foi a primeira vez que a colectividade se deslocou numa missão às Lages do Pico, já que, na maioria das expedições, a Vila da Madalena tem sido o concelho escolhido, por ser ali a maior concentração de grutas e algares (Vide nº33 de Pingo de Lava).

Algar do Carvão

Como vem sendo hábito o Algar do Carvão esteve diariamente aberto ao público entre dia 10 de Junho e 30 de Setembro. Abriu-se também aos sábados, domingos e feriados nos meses de Abril, Maio e Outubro.

Trabalhos de Campo

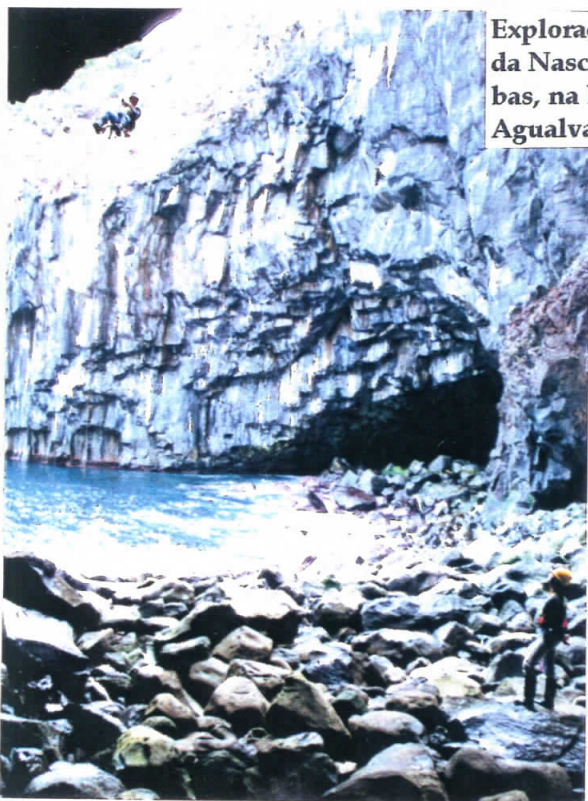
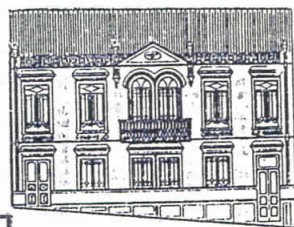
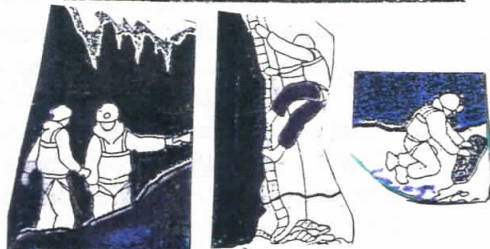
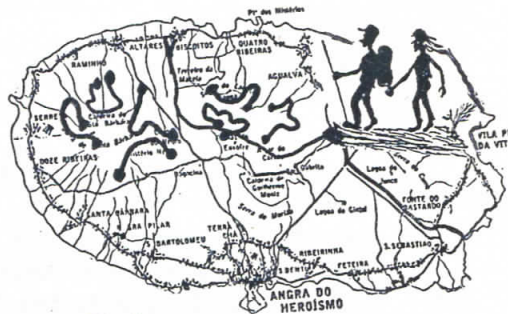
Realizaram-se, na Ilha Terceira, nos meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril com maior regularidade, e noutras datas necessárias e convenientes na manutenção do Algar do Carvão.

Maquetas

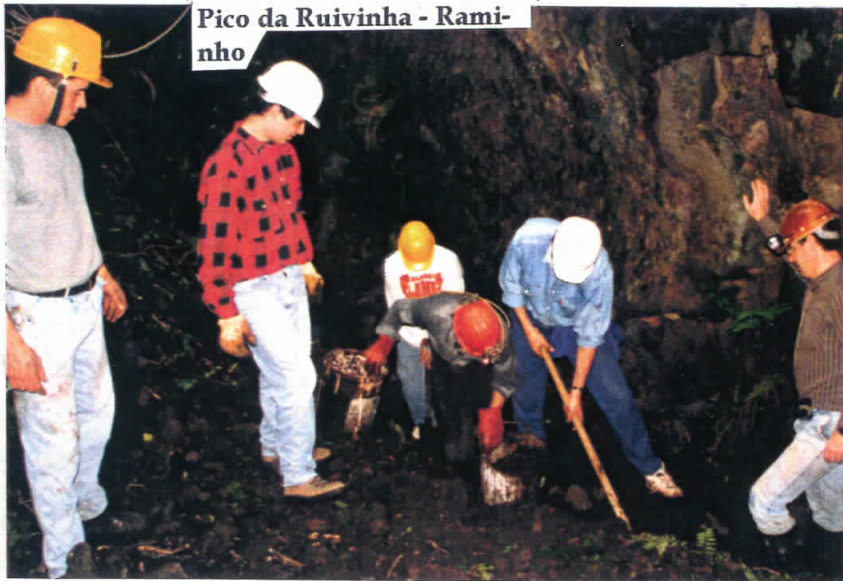
Foram executadas nos meses de Julho a Novembro duas maquetas; a Ilha do Faial à escala 1/10 000 e a Batimétrica do Grupo central e parte do Grupo Oriental à escala 1/200 000.

Obras na Sede

trabalhos necessários de pintura, caiação, carpintaria e arranjos do telhado, efectuados na Sede.



Exploração às Furnas da Nascente e das Pombas, na Baía das Pombas Agualva



Desobstrução no Algar do Funis

As marés

As marés resultam da regular subida e descida do nível da água dos oceanos. Este fenómeno é causado pela atracção gravitacional da Lua e do Sol sobre a Terra, e pela força centrífuga gerada pela rotação do sistema Lua-Terra no seu conjunto. Estas duas forças actuam em sentidos opostos. O abaulamento da superfície da água causado pela atracção gravitacional do Sol e da Lua repete-se do lado oposto da Terra, onde o abaulamento é devido à força centrífuga. O Sol, embora muito mais maciço que a Lua, está também muito mais longe; assim, o seu efeito sobre as marés terrestres representa apenas metade do da Lua.

As marés vivas e as marés mortas

As marés ocorrem todos os dias e a sua força e posição dependem da rotação da Terra em volta do seu eixo em relação com a posição da Lua. Se a Lua estivesse fixa, todos os pontos da Terra teriam duas marés altas e duas marés baixas todos os dias. Mas, porque a Lua leva 28 dias a descrever a sua órbita e porque a Terra leva pouco mais de um dia (25,02 horas) a fazer uma rotação em relação à Lua, as posições das marés altas da Terra mudam. Em qualquer local ocorrem cerca de uma hora mais tarde em cada dia.

Quando a Lua e o Sol estão alinhados do mesmo lado da Terra, a maré causada pela sua acção combinada é mais alta que a normal e chama-se maré viva. Este facto recorre de 14 em 14 dias, com a Lua Nova ou Lua Cheia. Quando o Sol e a Lua se encontram em ângulo recto com a Terra, as forças gravitacionais da Lua e do Sol estão em oposição e verificam-se marés intermédias mais fracas, denominadas marés mortas. Estas também se verificam de duas em duas semanas, no primeiro e terceiro quartos da Lua.

Porque as marés dependem da rotação da Terra e da Lua e da Terra em volta do seu centro comum de massa, pode-se prever a hora da maré alta e da maré baixa em qualquer ponto da Terra. A maré solar tem um período de 12,41 horas (devido à rotação mensal da Lua em volta da Terra). À distância menor entre a Lua e a Terra chama-se perigeu, e à distância maior apogeu, sendo a diferença entre as duas cerca de 24 000 km. Quando o perigeu coincide com as marés vivas, estas são cerca de 20 por cento maiores que o normal.

A amplitude das marés

Podem verificar-se outras variações na altura das marés e sua ocorrência, dependendo do tamanho, profundidade e forma do oceano, formato da linha de costa, latitude e ângulos da Lua e do Sol em relação ao equador. As marés vivas têm uma amplitude maior que as marés mortas. Muitas partes

do oceano têm duas preia-mares e duas baixa-mares por dia, mas algumas zonas têm apenas uma de cada. Em algumas áreas do oceano Pacífico, as marés altas diferem em altura umas das outras, o mesmo sucedendo com as marés baixas.

A amplitude das marés no alto mar é geralmente muito pequena — apenas algumas dezenas de centímetros de amplitude —, mas, ao aproximar-se das costas, as ondas aumentam de altura e de velocidade. No canal da Mancha, por exemplo, têm uma amplitude diária de cerca de dois metros. Nas baías estreitas, a amplitude das marés pode ser maior. A maior amplitude de maré é a da baía de Fundy, na costa oriental do Canadá, onde atinge 18 m. Os estuários ou mares quase fechados, como o Mediterrâneo, têm geralmente as suas próprias marés, de pequena amplitude. Quando estes ciclos coincidem com o período de marés da Terra, contudo, estas massas de água relativamente pequenas podem apresentar grandes amplitudes.

Têm-se feito tentativas em áreas com grandes amplitudes de maré no sentido de utilizar a subida e descida regulares da água para gerar electricidade, como se faz na estação de energia de marés no estuário de Rance, na Bretanha, em França, onde a altura média da maré é de 8,5 m. A energia das marés já tinha sido utilizada, em 1650, na Nova Inglaterra, para accionar moinhos de cereais. Actualmente, a energia das marés é convertida em energia eléctrica, fazendo com que as águas das marés accionem turbinas reversíveis. Estas máquinas extraem a energia potencial da água que nelas entra e sai.

Macaréus

Quando uma massa de água penetra num canal estreito como uma baía ou um estuário, o processo de afunilamento faz com que a água corra muito mais depressa do que se pudesse espalhar-se. A água na parte frontal da maré tende a perder velocidade devido ao estreitamento, mas a água que vem a seguir corre a velocidade normal, pelo que a altura e a velocidade da água aumentam, formando-se uma parede de água que submerge o canal. Isto verifica-se particularmente na Ásia, sendo o exemplo mais conhecido o do estuário do rio Tsientang Kiang, na China do Norte, onde o macaréu atingiu uma altura de 7,6 metros e se desloca a cerca de 23 km/h. Verificam-se macaréus principalmente durante as marés vivas.

Correntes de maré

As mudanças da maré também podem criar correntes de maré, particularmente em áreas quase fechadas. A velocidade típica destas correntes na maior parte dos canais e estreitos é de cerca de 11 km/h, mas em algumas regiões pode atingir 18 km/h, como no estreito de Geórgia,

Em homenagem a Manuel de Aguiar Silva

Uma vida, um aniversário, um passeio. Um leitor do Pindo de Lava menos atento poderá não encontrar de imediato a ligação entre as três situações citadas.

Mas por certo, uma leitura mais cuidada estabalecerá a “aliança” que elas fortemente geraram.

A vida de Manuel Aguiar começou a 9 de Setembro de 1941. Aos 23 anos, ligava-se à recém criada associação “Os Montanheiros” que completa este ano o seu trigésimo segundo aniversário. O passeio de 3 de Dezembro é mais um dos muitos já realizados e a realizar pela associação em prol da comunhão natureza/homem.

É assim, com muita emoção, para alguns dos 43 participantes que se dá início ao passeio de 3 de Dezembro.

Nove horas da manhã: junto à sede - cena comum a muitos outros inícios de passeios: cumprimentos; apresentações; sorrisos; sempre vieste?!...; palavras soltas...

Faz-se a chamada. Há a registar algumas baixas (talvez assustados pelo nevoeiro e a chuva que teimosamente faz questão de permanecer!...).

Distribuição pelas viaturas presentes (uma delas requisitada, a fim de transportar para o Algar do Carvão os complementos essenciais do beberete, a realizar no término do passeio).

Dez horas e quinze minutos- saída da Rua da Rocha, em direcção ao Algar do Carvão.

Dez horas e quarenta e cinco minutos- já os “caminhantes” tomavam direcção do Caminho do João Coelho. Pisava-se um tapete de urze e musgo húmido. Nuvens baixas e cerradas impediam o alcance da visão aos parceiros mais dianteiros. Faziam-se analogias sebastianinas.

Alguém menos preparado para a intemperie, recorreu ao improvisado. E eis que uns caprichosos e enormes sacos de plástico preto, em questão de segundos, se transformaram em elegantes impermeáveis. Há que não desistir - a solidariedade está presente. Mas não só a solidariedade, o humor também... dos sempre presentes “professor” Pardal e “imperatriz” Vanessa.

Está-se algures na Caldeira da Agualva- continua-se envolto em nevoeiro e chuva miudinha. Há quem já “trinque” o farnel. Neste momento, está-se a descer. O chão está tapeteado de obsidiana. Há quem interroge sobre o nome do lugar que descemos. Alguém escorrega e muito oportunamente responde “Ladeira do Escorreganço” (cito- “professor” Pardal).

Surge a Lagoinha Pequena, uns passos mais á frente a Lagoinha Grande. O nosso “Lobo da Montanha” decide atalhar. As condições climáticas pioravam e impediram que se visualiza-se a parte mais bonita (segundo ele) do passeio.

Regresso ao Algar do Carvão.

Para encerrar as comemorações dos “nossos” “vossos” Montanheiros- os participantes seriam presenteados com a actuação do rancho folclórico “Os Bravos” e a “Fanfarra Operária” (esta última impedida de actuar devido à chuva).

PARTICIPANTES

Abílio Magalhães - Adam Casinha - Alice Rocha - Ana Duarte - Ana Moreira - Andy Galloway - Aníbal Resendes - Carla Silva - Conceição Duarte - Conceição Mendes - Dora Fanfa - Elizabete Fanfa - Fedra Relvas - Fernando Pereira - Francisco Aguiar - Francisco Palma - Gisela Fanfa - Helena Ávila - Idalina Oliveira - Joaquim Barbosa - João Silveira - José Duarte - Jorge Silva - José Maria - Luis Costa - Luis Nunes - Luis Pacheco - Luis Vasconcelos - Magno Luis - Marcelina Alves - Márcia Silva - Margarida Frias - Paulo Cruz - Paulo Sousa - Pedro Moreira - Ricardo Ávila - Sandra Costa - Sandra Fanfa - Susana Simões - Vanessa Franco - Xénia Vieira - Zilda Paiva.

Entre danças e cantares foi recordado, por um dos elementos de “Os Bravos” o Aguiar d’os Montanheiros- com um misticismo de saudade e alegria, testemunharam os muitos amigos ali presentes que com ele tiveram a satisfação de conviver. Alguns participantes entraram nas danças que se seguiram comungando com “Os Bravos” o sentir do amigo ausente...

O convívio continuaria ao sabor da atmosfera anteriormente criada...

As conversas delineavam projectos...até porque Os Montanheiros estão vivos pois a “aliança” permanece... **Uma vida, um próximo aniversário, um próximo passeio...**

Alice Rocha
(participante)

Os Participantes junto à Lagoa Pequena (Lagoinhas-Agualva)



O vulcão do monte Pelée (1902)

É talvez prejudicial para o turismo chamar Caraíbas vulcânicas a algumas ilhas das Pequenas Antilhas, porém é isto que são. Estendendo-se em arco das ilhas Virgens, ao norte, até Granada, no sul, as ilhas de barlavento e de sotavento surgiram do fundo do oceano por acção vulcânica. Nalgumas os vulcões estão extintos; noutras, continuam activos. Apenas dois entraram em erupção em tempos históricos: O monte Pelée, na Martinica, e a La Soufrière, em Saint-Vincent.

A Martinica era então um departamento da França tão firmemente integrado que, quando alguém diz: «Je vais en métropole», quer dizer que vai a Paris e não a Fort de France, que é a capital da ilha. Mas em 1902 o centro comercial mais importante era Saint-Pierre, cidade de vinte e seis mil habitantes que se alongava numa franja de quilómetro e meio de comprimento e em forma de meia lua na costa norte-occidental, no sopé de uns barrancos que desciam em brusco declive da montanha Pelée, que tem uma altura de mil trezentos e cinquenta metros acima do nível do mar e dista oito quilómetros daquela cidade na direcção norte.

O açúcar, o rum e as bananas constituem a base da prosperidade da ilha. Saint-Pierre era uma cidade alegre (era conhecida pela Paris das Índias Ocidentais), com uma vegetação tropical exuberante, uma população heterogénea de brancos, mulatos e negros e um forte contraste entre riqueza e pobreza.

A montanha Pelée ocasionalmente lançava baforadas de fumo muito à maneira de um velho fumando o seu cachimbo. A cratera principal permanecera adormecida durante muitíssimo tempo, embora se tivesse dado uma pequena erupção do vulcão havia cinquenta anos. Desde tempo imemorial houvera ali um lago chamado o «Étang des Palmistes», local predilecto dos excursionistas. A outra única erupção da qual se tinha conhecimento dera-se em 1792 e fora também insignificante.

No lado sul da montanha, em frente de Saint-Pierre, havia uma cratera secundária extinta, a «Étang Sec», de paredes escarpadas e só quebradas num ponto, também do lado sul, onde uma abertura na beira dava origem a um barranco chamado «Rivière Blanche», que descia directamente até à costa. Na estação chuvosa, a água que caía por este e outros barrancos podia causar consideráveis danos.

Em 2 de Abril de 1902 notaram-se saídas de vapor na parte superior da «Rivière Blanche». Três semanas mais tarde, uma pequena quantidade de cinza vulcânica flutuou sobre as ruas de Saint-Pierre e houve uns quantos tremores de terra que apenas sacudiram as louças. Nos dias seguintes a situação tornou-se mais ameaçadora. Houve explosões na cratera secundária, que vomitou pedras e nuvens de cinza. Formou-se então ali um lago de cerca de duzentos metros de diâmetro e também um cone de cinzas vulcânicas com a altura de uma casa e de cujo cimo brotava vapor. Depressa a chuva de cinza se tornou mais espessa, cobrindo e envolvendo a cidade, introduzindo-se nas lojas e nas casas, matando pássaros e outros animais e empestando o ar de enxofre. Mrs. Prentiss, mulher do cônsul dos Estados Unidos, escreveu: «O cheiro é tão forte que os cavalos param e sopram na rua e alguns deles caem mortos com os seus arreios.»

Em resposta ao grande alarme provocado por estes acontecimentos, Louis Mouttet, governador da Martinica, nomeou uma comissão que estudasse a situação e visitou a cidade. Foi a sua última viagem. Inacreditavelmente, a comissão informou que não havia perigo imediato e, enquanto Mouttet mantinha um estudado ar tranquilo, o jornal local, *Les Colonies*, apoiava-o com apaziguadores editoriais. A extraordinária complacência dos três foi atribuída a uma confabulação política: em 10 de Maio iam dar-se eleições importantes e Mouttet não queria que os seus partidários se dispersassem.

Continuaram a cair cinzas e Saint-Pierre começou a parecer-se com um corpo exangue. Ouviam-se ruídos surdos nas

entranhas da montanha. Apesar das tropas trazidas pelo governador, era difícil manter a lei e a ordem. As lojas e os estabelecimentos fecharam as suas portas. Aterrorizados aldeões das encostas da montanha invadiram bares e hotéis em busca de refúgio. O outro extremo da cidade recebia gente que se dirigia para o sul, o que fez aumentar para trinta mil a população de Saint-Pierre. Em 5 de Maio houve uma advertência do que a Pelée era capaz de fazer. A cinza, ao bloquear a greta da «Étang Sec», originara que grandes quantidades de chuva nela se acumulassem e fossem aquecidas pela acção vulcânica, e que rebentaram então numa torrente assoladora de barro a ferver que desceu pela ladeira do monte. A corrente invadiu um engenho de açúcar na costa norte de Saint-Pierre, matando mais de cem pessoas, e mergulhou depois no mar, causando uma onda enorme que inundou a parte inferior da cidade. *Les Colonies* informou que «toda a cidade estava de pé» e que «uma torrente humana subia da parte baixa da povoação sem saber para onde ir».

Muito pior foi o que viria depois. Em 6 de Maio, os ruídos surdos da Pelée converteram-se num contínuo rugido intercalado de explosões que arremessavam para o ar massas de escórias ao rubro. E o governador fez algo de imperdoável: postou soldados nas estradas para impedir que as pessoas saíssem da cidade. *Les Colonies* encontrou um infame professor que declarou: «A montanha Pelée não deve provocar mais medo do que aquele que o Vesúvio inspira a Nápoles. Onde poderíamos estar melhor do que em Saint-Pierre?» O alcaide apoiou esta atitude numa proclamação: «Permiti que vos aconselhe que regresseis às vossas ocupações habituais.»

Durante toda a quarta-feira (7 de Maio) continuaram os rugidos e as explosões. Uma forte chuvada provocou mais torrentes de lama que desceram da montanha arrastando enormes pedras de muitas toneladas de peso. Misturada com a água, a cinza revestiu a cidade de uma capa quente e pegajosa. Os trinta mil habitantes tinham apenas um fraco raio de esperança: disse-se que «La Soufrière», em Saint-Vincent, estava em erupção. Talvez isso tivesse reduzido a tensão.

Quinta-feira amanheceu clara e soalheira. As pessoas olhavam com apreensão para a Pelée e sentiram-se aliviadas ao verem apenas uma coluna de fumo de altura insólita. Pelas seis e meia da manhã um navio de passageiros, o *Roraima*, chegou ao porto e atracou junto de mais dezassete barcos. Mas então o cenário era espectacularmente diferente. «Quatro horas antes de entrar na enseada», disse o contador auxiliar Thompson, «pudemos ver chamas e fumo que brotavam da montanha Pelée. Nenhum de nós, que fâmos a bordo, pensou que houvesse perigo. Ao aproximarmo-nos, distinguimos as oscilantes e inquietas chamas vermelhas que



Monte Pelée

surgiam volumosas da montanha e se elevavam a grande altura do céu. Enormes nuvens de fumo negro flutuavam sobre o vulcão. As chamas subiam agora rectas no ar, oscilando de vez em quando durante um momento para um outro lado e saltando de repente para se elevarem ainda mais. Soava constantemente um ruído abafado. Era como se a maior refinaria de petróleo do mundo ardesse por cima da montanha.»

Thompson pensou que aquele espectáculo era magnífico. Quase todos aqueles que se encontravam a bordo o estavam a observar. Ninguém pressagiava nada, salvo talvez o capitão, que disse a um passageiro: «Não ficarei aqui mais tempo do que o absolutamente necessário.»

Foi no entanto demasiado. A falda da montanha que dava para a cidade estava ao rubro e exactamente pelas sete e cinquenta e dois (a hora ficou registada no relógio do hospital militar, que por alguma razão escapou da destruição) explodiu. «Não houve aviso prévio», escreveu Thompson. «O flanco do vulcão abriu-se e uma espessa cortina de chamas avançou na nossa direcção. A explosão originou o som de mil tiros de canhão. A onda de fogo saltou sobre nós com a velocidade de um relâmpago, como um furacão de fogo que varreu Saint-Pierre e o porto. A cidade desapareceu diante dos nossos olhos.»

Na realidade houve duas explosões: uma na cratera principal, que lançou uma densa nuvem de fumo misturada com fagulhas para o alto, e a outra no «Étang Sec», que rebentou para um lado. Os gases sulfurosos em expansão tinham esfarelado a lava, e agora, através da greta aberta na cratera secundária, fluiu uma mortífera avalanche de partículas ao rubro, misturadas com gases e vapor superaquecido que desceu a «Rivière Blanche» com vertiginosa rapidez.

Partindo do seu efeito sobre os metais, calculou-se que a temperatura provocada pela explosão foi de cerca de mil graus centígrados. Os moradores morreram instantaneamente onde quer que se encontrassem, por causa da inalação daqueles gases letais ou das queimaduras, alguns inteiramente nus pela força da explosão. Da sua população de trinta mil habitantes só houve dois sobreviventes. Thompson declarou: «Depois da explosão não se viu alma vivente em terra.» A cidade ficou reduzida a um montão de escombros fumegantes. As paredes aluíram, os telhados metálicos foram arrancados e enrugados como se fossem papel, as árvores ficaram nuas e reduzidas aos troncos. Em poucos segundos, extinta a explosão, reapareceu Saint-Pierre como uma ruína antiga, privada de todo o sinal de identidade, como uma povoação pré-histórica escavada pelos arqueólogos, ainda que nada houvesse para escavar. Não havia uma crosta de lava como em Pompeia: apenas cinza. Mais tarde, ao procurar entre as ruínas, as patrulhas de salvamento apenas puderam reconhecer as ruas mais conhecidas.

A situação no porto não foi muito melhor. A *nuée ardente*, ou «nuvem ardente», tinha levantado uma onda que fez soçobrar as embarcações ou lhes causou graves danos e só uma delas conseguiu escapar para Santa Lúcia, com vinte e dois tripulantes mortos ou sofrendo de queimaduras graves. «Onde quer que o fogo caísse no mar», disse Thompson, «a água fervia e expelia grandes nuvens de vapor. As chamas queimavam e incendiavam tudo aquilo em que tocavam. Só vinte e cinco dos sessenta e oito que estavam no *Roraima* ficámos com vida depois da primeira explosão. O fogo levou os mastros e a chaminé do barco como se os tivesse cortado com uma faca».

O próprio Thompson salvou a vida tapando-se com a roupa da cama do seu camarote. Uma passageira que sobreviveu, ama de Barbados, descreveu como a cinza tinha entrado pela vigia em «ferventes rajadas», quando ajudava uma mãe a vestir os seus três filhos para o pequeno-almoço. O camarote estava a encher-se com aquela matéria fervente quando o primeiro-maquinista ouviu os seus gritos e as ajudou a subir para a coberta da proa. Porém, uma criança tinha já morrido e um bebé estava moribundo. Zonas do barco estavam em chamas e toda a cidade era «uma massa de fogo rugidora». «A minha senhora jazia na coberta sem poder levantar-se. Estava serena e resignada: deu-me algum dinheiro, disse-me que levasse a Rita (a menina sobrevivente) a casa da sua tia e chupou um pedaço de gelo antes de morrer.

Nos outros barcos a cinza agarrava-se à roupa dos homens, envolvendo-os dos pés à cabeça e queimando-os vivos. Alguns arrastavam-se pelas cobertas, desfigurados por completo. Muitos saltaram borda fora e «a carne queimada silvou ao mergulhar na água».

Um dos sobreviventes de Saint-Pierre foi um sapateiro negro, Léon Compère-Léandre, de vinte e oito anos. Estava sentado à porta de sua casa quando aconteceu o desastre. «De repente, senti que soprava um vento terrível, a terra começou a tremer e o céu escureceu subitamente. Voltei-me para entrar em casa, subi com grande dificuldade os três ou quatro degraus que me separavam de minha casa e senti que me ardiam os braços e as pernas e também o corpo. Deixei-me cair sobre uma mesa.» Outros entraram na sala, «gritando e retorcendo-se de dor, ainda que a sua roupa não parecesse ter sido tocada pelas chamas». Não tardou que todos estivessem mortos, tal como um velho que Léandre encontrou em casa. «Estava arroxado e inchado, mas a sua roupa estava intacta... Enlouquecido e quase morto de medo, atirei-me para cima de uma cama, inerte e esperando a morte. Recuperei os sentidos talvez ao cabo de uma hora, quando vi que o tecto estava a arder.» Léandre salvou a vida por uma sorte inacreditável. Entre toda aquela gente, por razões que nunca se saberão, os seus pulmões não ficaram fatalmente prejudicados.

O outro sobrevivente foi Auguste Ciparis, um estivador negro de vinte e cinco anos, condenado à força por assassinio. Encontrava-se alojado numa estrutura que, certamente, podia considerar-se única em toda a cidade: uma cela de condenados à morte que parecia um moderno refúgio Nissen, semicircular e contíguo à parede exterior da prisão local. Na parte da frente havia uma cobertura fechada por uma sólida porta e tão baixa que por ela só se podia passar de gatas. Por cima havia uma janela alta gradeada. Construída à prova de fugas, aquela cela protegeu Ciparis da enorme explosão.

Vestindo calças, camisa e chapéu, esperava que lhe trouxessem o pequeno-almoço quando de repente escureceu a janela e sentiu um terrível calor. No mesmo instante ouviu um grande estrondo ao desmoronar-se a parede da prisão sobre o tecto da cela. Depois, ao cobrirem as cinzas totalmente a janela, viu-se em completa escuridão. «Só me apercebi do cheiro do meu próprio corpo a arder», disse mais tarde. «Não ouvi mais nada, salvo os meus gritos pedindo auxílio a que ninguém respondia.»

Três dias mais tarde, quando as patrulhas de socorro puderam entrar na cidade, Ciparis foi salvo com horríveis queimaduras mas em seu juízo perfeito, foi posto em liberdade condicional e viveu até 1929, ganhando a vida como atracção secundária num circo: o preso de Saint-Pierre, num cenário que era cópia exacta da sua cela.

Em 20 de Maio de 1902, outra erupção de Pelée, combinada com um terramoto, fez com que muita gente abandonasse a Martinica para sempre: morreram duas mil pessoas e várias povoações ficaram destruídas. Em 26 de Maio, em 6 de Junho, em 9 de Julho e em 30 de Agosto deram-se outras erupções mais violentas. E houve uma pausa até Setembro de 1929, quando uma vez mais desceu rugindo a terrível *nuée ardente*, com o seu vapor superaquecido, os seus gases e as suas partículas incandescentes e arrasou os modestos edifícios de uma nova cidade que mil intrépidos cidadãos tinham construído com penas e trabalhos. Desta vez Pelée chegou tarde de mais para surpreender alguém: os moradores tinham interpretado bem os sinais e puseram-se a salvo. E nenhum governador tentara detê-los.

Extraído do livro

**"GRANDES
CATÁSTROFES
DO SÉCULO XX"**

Relevo dos Açores

Depois das -Maquetas- das ilhas Terceira e Graciosa à escala 1/10 000, "Os Montanheiros" não param. Este ano arrancaram para a execução de outras MAQUETAS, desta feita, foi a ilha do Faial e novamente à mesma escala. A outra, foi a Batimétrica, esta foi executada em duas escalas: 1/200 000 na Planimétrica e 1/50 000 na Altimétrica.

A Maqueta da Ilha do Faial, foi na sua maior parte executada por Guida Maria Correia de Sousa, com o acompanhamento e colaboração do José Maria.

Os trabalhos de marcação e corte das cotas, tiveram início no mês de Maio e foi terminado a 29 de Novembro do corrente ano. A cortiça utilizada nesta Maqueta, foi de 1 mm de espessura, com um total de 104 cotas (cada cota representando a altura de 10 metros), passando finalmente à respectiva colagem em sobreposição, desde o nível zero até ao cimo do Cabeço Gordo com 1043 metros.

Quanto à Maqueta Batimétrica, foi uma ideia apresentada pelo saudoso amigo Manuel de Aguiar Silva, e tantas vezes ele insistiu que, nos princípios do mês de Julho, foi dado o "pontapé de saída" para a concretização Batimétrica, com cotas de cem em cem metros.

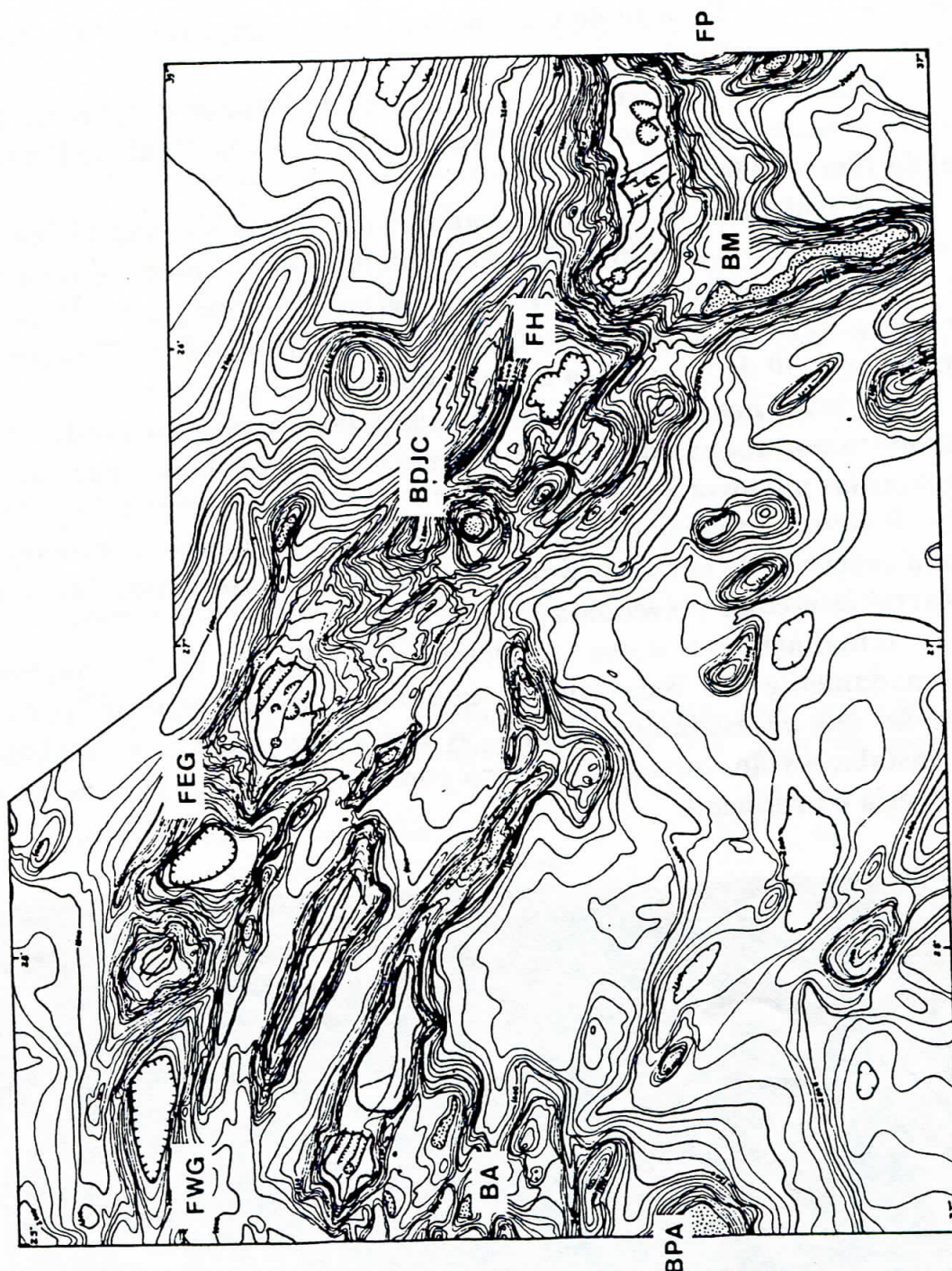
A cortiça utilizada foi de 2 mm de espessura.

Não sendo possível apresentar a profundidade de todo o arquipélago, dado que actualmente, não existe nenhuma carta Batimétrica que enquadre todas as ilhas dos Açores (foram as informações que obtivemos pelos serviços competentes nesta matéria), mas como a vontade, então, já era muita de fazer a batimetria do arquipélago, "Os Montanheiros" não desistiram e, partiram para a "única" hipótese. Do livro "Microssismo e Neotectónica", de João Carlos Carreiro Nunes, do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, foi fotocopiada da página 130, a carta Batimétrica do Grupo Central e parte do Grupo Oriental e ampliada até à escala 1/200 000 na planimetria. A escala 1/50 000 foi a escolhida para a altimetria, para um maior relevo do fundo do mar.

Nesta Maqueta pode-se presenciar as bacias (fossas) principais: - as Fossas Oriental e Ocidental da Graciosa e a Fossa da Povoação (Bacia de São Miguel), todas com 2 500 metros de profundidade. A Fossa de Hirondelle, respectivamente entre as ilhas de São Miguel e Terceira, tem 3 300 metros de profundidade.

O ponto mais profundo que se faz representar na maqueta, situa-se a Norte de São Miguel com 3 600 metros.

A maioria das elevações que caracterizaram a plataforma dos Açores são cristas ou maciços vulcânicos submarinos, dos quais se



Carta batimétrica do arquipélago dos Açores, da autoria de Krause (1979), região dos grupos central e oriental, com indicações das zonas de profundidade inferior a 500m (ponteado) e as principais estruturas vulcânicas e tectónicas das ilhas abrangidas (modificado de Forjaz et al. 1990 e Forjaz, 1986).

Extraído do livro:

" Microsismos e Neotectónicos
Contribuição para o seu estudo nos
Açores - de João Carlos C. Nunes "

destaca o Banco D. João de Castro, com o topo actualmente a cerca de 15 metros de profundidade.

Igualmente importantes, são também os Bancos dos Açores e da Princesa Alice, a SW da Ilha do Faial e o do Mónaco "Mar de Prata" a Sul da Ilha de São Miguel.

Os trabalhos da maqueta batimétrica foram executados na sua maior parte por José Maria Ferreira Botelho, com a colaboração activa do Paulo Alexandre Bretão Martins, perante o acompanhamento e o incentivo de toda a restante equipa de "Os Montanheiros" e foram concluídos a 30 de Novembro do corrente ano.

As duas maquetas foram apresentadas ao público no dia 1 de Dezembro por ocasião do 32º aniversário da colectividade e encontram-se expostas na nossa Sala-Museu.

Podemos afirmar que, num futuro próximo, contamos prosseguir com a execução de outras maquetas, se para tal conseguirmos arranjar as cartas às escalas pretendidas.

Actualmente, o nosso problema, é a falta de espaço na Sede, designadamente na Sala-Museu, que está sendo pequena para o material que necessitamos instalar. A nossa esperança é, a ampliação das instalações do museu, no espaço contíguo à sala, o que em parte, resolveria o problema.



↑
Maqueta Batimétrica
à escala 1- 200 000

Maqueta da Ilha do Faial
à escala 1-10 000
←

-Actividades na sede:

- Abertura da Sala-museu a todos quantos a queiram visitar;
- Possível ampliação e reestruturação do museu;
- Algumas modificações com vista a otimizar o espaço de que dispomos e a melhorar as condições para trabalhos que iremos desenvolver, como a preparação de uma base cartográfica na qual se introduzirá toda a informação útil às nossas actividades nesta ilha, elaboração de publicações e colocação de expositores com o equipamento usado pelos Montanheiros à 30 anos;
- Execução de outra maqueta, possivelmente das ilhas Flores e Corvo;
- Troca de informação com as pessoas interessadas em matérias comuns. projecção de videos e slides.

-Actividades no Algar do Carvão:

- Abertura ao público de 15 de Junho a 30 de Setembro;
- Reparações na rede eléctrica;
- Manutenção do gerador;
- Benfeitorias no acesso e espaço envolvente, de que se destaca a instalação de sebes de protecção nomeadamente em redor da boca do algar.

-Actividades de campo:

- Abertura e manutenção de trilhos;
- Organização e promoção de caminhadas, este ano sob o título de "Entre Picos e Vales - 96";
- Reconhecimento de terrenos e prospecção de grutas;
- Levantamentos topográficos de grutas e algares já explorados e filmagem dos mesmos;
- Outras actividades, como por exemplo demonstração de espeleologia vertical.

-Expedição espeleológica à ilha do Pico para uma inventariação das grutas daquela ilha.

-Apoio a escolas e outras iniciativas privadas, sempre que para isso sejamos contactados.

-Possíveis cursos de formação tendo em vista alertar para a necessidade de protecção ao património natural vegetal e geológico de todo o arquipélago, em que destacamos as cavidades vulcânicas.

Muitos destes trabalhos decorrerão ao longo de todo o ano. As caminhadas, mais do interesse do público em geral, terão o seu programa e respectiva calendarização divulgados em altura oportuna, estando a sua realização sempre condicionada pelo clima.

PLANIFICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DOS PROGRAMAS NACIONAIS DE AMBIENTE

De alguns anos a esta parte, tem-se vindo a tomar consciência da estreita relação existente entre o meio e a saúde, em especial em países economicamente desenvolvidos. Pese embora o facto de não ser exactamente o nosso caso, não podemos deixar de nos preocupar com tal.

A terra e a atmosfera constituem um sistema ecológico, que se pode considerar fechado, onde se desenvolve uma multitude de organismos vivos. Estes disputam entre si aquilo de que necessitam para sobreviverem. O próprio homem toma parte dessa luta e é errado pensar-se que é ele que domina o meio; a influência do meio sobre o homem é tão grande como a do homem sobre o meio, pois quando ele o destrói é fortemente influenciado em consequência de tal.

Geralmente existe um certo equilíbrio entre o homem e o ambiente, mas por vezes este equilíbrio quebra-se devido a determinadas circunstâncias e normalmente em prejuízo do meio. Não devemos permitir que tal aconteça. Há que conservar esse equilíbrio a fim de assegurar o bem estar do homem, e aqui entende-se não apenas em termos de saúde física e mental do indivíduo mas também em termos de saúde pública e social. Deste modo quando esse equilíbrio ecológico se “rompe” o homem atravessa um limiar em que é obrigado a tomar medidas correctivas. Se não o fizer o seu bem estar pode estar ameaçado por um factor que em princípio o devia favorecer - o ambiente.

As relações existentes entre o homem e o seu ambiente sofrem inevitavelmente modificações contínuas e devem por isso ser objecto de permanente atenção, não só por parte das entidades responsáveis na matéria mas de todos nós, em que podemos nos englobar numa classe de entidades competentes, que a maior parte das vezes somos, tudo dependendo da nossa sensibilidade e atenção. O elemento social tem neste processo um papel cada vez mais importante.

Planificação

Planificar é avaliar e analisar as necessidades e recursos, tendo como base os dados disponíveis.

A importância do trabalho de planificação dos programas nacionais da área do ambiente e as dificuldades dela inerentes tem que ser reconhecidas. As maiores dificuldades residem geralmente: na fixação de objectivos e das prioridades reais, na modernização de legislação nacional, na solução de novos problemas e no financiamento dos projectos. Muitos governos carecem de ser aconselhados sobre estes aspectos devendo ao que entendemos solicitar com mais frequência a cooperação de entidades que possam dizer algo de positivo para a solução desta questão, como sejam técnicos de diversos sectores, investigadores, empresas e a população em geral.

Uma planificação rigorosamente elaborada é indispensável pelas seguintes razões:

-A acção do homem pode hoje em dia perturbar ou modificar as grandes forças da natureza em tais proporções que são de temer consequências desastrosas ou irreversíveis, em casos de erro ou situações imprevistas;

-Nenhum recurso natural, por mais abundante que seja, se pode considerar inesgotável;

-A adaptação biológica pela selecção e desenvolvimento genético requer várias gerações para se realizar, enquanto que importantes modificações no meio se operam em alguns meses;

-Para levar os cientistas, engenheiros e a sociedade em geral a dar a devida atenção à protecção do ambiente.

Uma das armas ao serviço da planificação é a legislação civil e criminal, com as bases jurídicas por onde se deve reger os destinos do ambiente. Aconselha-se que a legislação obedeça aos três grandes princípios que se seguem:

-A lei deve ser concebida para orientar, ajudar e fazer aceitar uma regra; não deve se exclusivamente punitiva e restritiva;

-As suas disposições devem ser razoáveis;

-Deve prever os meios que permitirão a sua aplicação e a sua observância.

Deverá ser feita a distinção entre duas categorias de leis:

-Leis fundamentais e habilitantes, isto é, enunciam os princípios morais ou directrizes sociais e dão autoridade para se exigir a aplicação desses mesmos princípios.

-Leis administrativas e correctivas, isto é, definem em detalhe as práticas administrativas e preveem os meios de controlo e de acção necessários.

Uma das maiores dificuldades que os planificadores do Ambiente tem de enfrentar é a ausência de uma relação causa-efeito evidente, entre a importância dos recursos necessários para o desenvolvimento do meio e o aumento de produtividade que daí resulta. Seria pois necessário a elaboração de métodos que permitissem medir os resultados em termos sócio-económicos. Os estudos económicos teriam pois a maior importância na planificação e por conseguinte na execução dos programas ambientais.

Organização e administração

"A gestão é considerada por alguns como uma ciência, outros consideram-na essencialmente uma arte de distribuir recursos, de os aplicar e de verificar os resultados da sua utilização. Será talvez preferível vê-la como sendo uma combinação das duas, em proporções variáveis com o momento e com o local."

"A função da administração pública é o reflexo da colectividade ou do país onde se exerce, assim como do seu regime político. É fortemente influenciada por factores socio-culturais e principalmente pela atitude da população."

Transcrevemos aqui estas duas ideias para servirem de base ao que abaixo desenvolvemos.

Uma administração pública eficaz assenta sobre dois fundamentos: planificação racional e controlo de execução de um plano.

A estrutura das organizações responsáveis pela realização e pela administração de programas ambientais varia necessariamente conforme a importância e a complexidade desses programas. À medida que os programas aumentam de importância, que a infraestrutura administrativa se desenvolve e que o pessoal efectivo aumenta, poderão delegar-se cada vez mais as responsabilidades a um grande número de órgãos centrais e locais. No entanto à que haver um bom entendimento entre órgãos para que não ocorram problemas de administração.

Transferência de certas funções de uns departamentos para outros tem sido a causa de numerosas dificuldades, com consequentes atrasos e perda de rendimento.

Os programas de ambiente requerem uma cooperação interdisciplinar, havendo necessidade em que todos colaborem para um mesmo objectivo de salvaguardar o património que a todos nós pertence.

Existe a necessidade de um órgão de consulta para que toda a informação possa ser cedida sem entraves aqueles que se interessem e que a necessitem.

Qualquer programa de protecção e conservação do ambiente deverá incluir actividades de vigilância ou fiscalização. Tais actividades terão por objectivos:

- A determinação da eficiência das acções executadas e o valor dos resultados obtidos ou progressos alcançados;

- A exploração dos dados recolhidos para a elaboração de futuros programas ou para modificações dos programas em curso.

Outra questão é a educação que deve fazer parte integrante de qualquer programa nacional de protecção ao ambiente, para que se consiga atingir três objectivos principais:

- Incutir na população os princípios do ambiente para que se aprenda a distinguir as suas verdadeiras necessidades e adquira bons hábitos

- Levar a população a aceitar as medidas tomadas pelas autoridades públicas para melhorar o ambiente e ser ela própria a reclamar tais medidas

- Fazer com que os serviços do ambiente sejam administrados de acordo com as necessidades e aspirações da população e facilitem uma íntima colaboração entre os funcionários responsáveis por esses serviços e a própria população.

PAULO BARCELOS